

Collor não negocia e busca adesão natural

As frustradas tentativas de se aproximar dos tucanos e do candidato derrotado, Leonel Brizola, levaram Fernando Collor a suspender todas as negociações a nível nacional. A terceira delas, com o PDS, que deveria se dar de forma implícita para não comprometer a imagem de Collor, não resistiu à defesa do prefeito de Florianópolis, Espiridião Amin (PDS), pela municipalização dos entendimentos. Caso contrário, o interlocutor seria o presidente do partido, deputado Delfim Netto, um dos nomes incluídos na lista de políticos estigmatizados pelo candidato do PRN.

“As adesões se darão de forma natural, informou o líder Renan Calheiros, um dos mais atingidos pela negativa do PSDB em se engajar na campanha de Collor”. Renan procurou o ex-governador Franco Montoro, no sábado, e sondou junto ao deputado Nél de Carvalho (PDT) qual seria a reação de Brizola se Collor lhe telefonasse.

“Ele me entregou o programa do partido e disse que estava representando o candidato, afirmou Montoro, presidente do PSDB, negando a versão de que a iniciativa era exclusiva do líder”.

Carvalho transmitiu a reação negativa de Brizola, emitindo a frase depreciativa do candidato, devendo-se talvez a isto o resto de esperança de conseguir pelo menos sua neutralidade no Rio e Rio Grande do Sul na briga com o PT pelo segundo turno. A isto o coordenador político de Collor, deputado estadual Cleto Falcão, que desde o dia 16 passou a chamar Brizola de “irmão fraterno”, acrescenta: “ninguém está pensando em dobrar o candidato. Até porque um estadista da postura de Leonel Brizola não se dobra a ninguém”, disse ironicamente.

Essas negativas praticamente soterram a idéia de Collor de

formar uma coalizão nacional em torno de seu nome no segundo turno. Os coordenadores do candidato fariam o aceno, esperando que os apoios menos credenciados se dessem de forma discreta. A exceção era para o PSDB, tido como a “moldura” de uma ligação de eficiência inquestionável agora e no governo.

“Existe semelhança entre o programa Brasil Novo e as propostas do PSDB. Seria interessante termos este apoio, afirmou o coordenador da campanha no Distrito Federal, Paulo Octávio”. O empresário atribui o desejo de ter o senador Fernando Collor. “Seria natural. Um tem admiração pelo outro”, disse. Ele foi um dos que defendeu esta proximidade e que agora endossa a postura de espera que as adesões se façam de forma espontânea.

“Não adianta dizer, vem namorar comigo. É preciso que os entendimentos se façam livremente”. Octávio espera que esta iniciativa parta dos governadores do Paraná, Alvaro Dias, (que ontem ver página 6, disse não querer apoiar o PRN); de São Paulo, Orestes Quércia; do Ceará, Tasso Jereissati, e das “pessoas dignas do PSDB e PDT”.

Enquanto as coisas não se ajustam às idéias da torcida do candidato do PRN, caberá aos coordenadores regionais dizer quem deve ou não dizer que **colloriu**. No Rio Grande do Sul, por exemplo, o senador Carlos Chiarelli, avalizou o ex-deputado Nelson Marchezan (PDS) e anunciou a presença de importantes nomes do PDT. Um deles é o ex-prefeito de Porto Alegre, Alceu Collares, inimigo declarado de seu sucessor Olavo Dutra, do PT. Seu acerto com Collor será na terça-feira, quando o candidato estará no Rio Grande do Sul. “O difícil vai ser ele passar a informação

para o Brizola”, supõe um dos assessores **colloridos**.

BRINCADEIRA

O deputado Arnaldo Faria de Sá (PRN-SP) assegura que a tentativa de chegar perto dos tucanos “não passou de uma sinalização”. “Queríamos mostrar ao eleitorado de Covas que abrimos espaço para ele”, afirmou, dizendo que a negativa, prevista antes do dia 15, foi atribuída à origem do partido, vindo em grande parte do MUP — Movimento Unidade Progressista do PMDB, tida como a “parte radical” da legenda de Ulysses Guimarães. Faria diz que aí o lance já se deu em termos municipais, de olho nos votos de Mário Covas em São Paulo.

“A tática se existiu foi só deles. Prefiro ficar nos fatos. Deixo que outros analisem as versões”, reagiu Franco Montoro.

Até o dia 17 de dezembro, toda precaução é válida diante dos apoios oferecidos ao candidato do PRN. “Ele não rejeita ninguém, mas não pode se desgastar publicamente”, garante um assessor. Fato este que justifica sua preocupação em tornar pública sua rejeição ao apoio da Federação das Indústrias de São Paulo. Na terça-feira, Collor checkou junto ao coordenador de imprensa, Cláudio Humberto, se a sua negativa havia sido divulgada. Renan Calheiros foi o porta-voz, ele próprio convencido de que os votos dos empresários não têm outro rumo senão o de ficar com Collor. Posição semelhante é a do governador Orestes Quércia, cuja proximidade é aguardada com ansiedade. “Os tucanos nos prejudicaram com o Quércia. Ele estava se aproximando e se afastou por causa deles”, afirmou Arnaldo, igualmente ciente de “passado o gesto suicida de ficar com Ulysses”, é certo que ele não terá dúvida entre o PT, seus desafetos do PSDB e Fernando Collor.

U. DETTMAR



Após frustradas negociações Collor desistiu de forçar adesões